

O LUTO DE UM ADOLESCENTE: ESTUDO DE CASO SOBRE A PERDA DE UM FAMILIAR A TEENAGER GRIEF: A STUDY CASE ABOUT A FAMILY LOSS

Ana Carolina Nascimento Valdevino – e-mail: ananascimento.mar@gmail.com –
Graduada de Psicologia – Centro Universitário Católico Auxilium
Jenifer Cristine Patrocínio – e-mail: jenifercpatrocínio@outlook.com –
Graduada de Psicologia – Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium
Prof. Orientado: Rodrigo Feliciano Caputo – Unisalesiano/Lins – e-mail:
caputo_br@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho é um estudo de caso, cujo objetivo é pesquisar o enfrentamento do luto por um adolescente. Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório, onde foi realizada uma pesquisa de campo e levantamento bibliográfico. Os dados coletados foram analisados sob a luz de teorias em psicologia para poder compreender melhor o processo de luto e as interferências no ciclo familiar. Por meio da entrevista obteve-se as seguintes categorias: o silenciar da família diante da morte; dificuldade em falar sobre a perda; rompimento do laço afetivo perante a morte e apoio familiar no enfrentamento do luto, tendo como resultado a compreensão do luto pelo adolescente e o modo de enfrentamento diante da perda, assim como as mudanças no seu contexto familiar. Considera-se a família como forte aliada na elaboração do luto, possibilitando ao adolescente uma melhor forma de enfrentamento da perda do ente querido. Sendo assim, chegou-se à conclusão as interações sociais são muito importantes para a elaboração do luto, resultante da perda de um ente querido.

Palavras-chave: Psicologia. Adolescência. Família. Luto.

ABSTRACT

The following work is a case study and aimed to investigate how the adolescent faces the grief. This is a qualitative, descriptive and exploratory study, where field research and a bibliographic survey were performed. The collected data were analyzed under the light of theories in psychology, in order to better understand the grieving process and the interference in the family cycle. Through the interview, the following categories were obtained: the silence of the family in the face of death; difficulty talking about the loss; disruption of the affective bond in the face of death and family support in coping with grief, resulting in the grief understanding by the adolescent and in the coping mode in the face of loss, as well as the changes in their family context. It is considered a family, a strong ally in the elaboration of grief, providing the adolescent a better way to face the loss of a beloved one. Thus, coming to the conclusion that social interactions are very important for the elaboration of grief, reducing the loss of a beloved one.

Keywords: Psychology. Adolescence. Family. Mourning.

INTRODUÇÃO

O luto é um tema na sociedade em geral. Dessa forma pretende-se mostrar para a comunidade a importância da educação para a morte e, conseqüentemente, propiciar modos de lidar diante da perda.

De acordo com Peres (2003), o luto é um processo inevitável onde alguns indivíduos sentem um vazio e dificuldade de seguir em frente, sendo que, muitas vezes, ao ocorrer a perda não elaborada, a pessoa pode precisar da ajuda de um profissional para passar pelo processo de luto.

A morte é tratada como algo obscuro e a sociedade ocidental sente dificuldade em enfrentar esse processo, colocando assim, uma barreira diante desse assunto tão relevante. As pessoas, no geral, sentem um bloqueio em falar sobre a morte, inclusive com adolescentes, o que gera em alguns casos, a dificuldade em enfrentar tal situação.

Através da pergunta problema, “de que maneira uma adolescente vivencia o luto de um familiar”, levantou-se a hipótese de que ele vivencia um grande impacto e muita dor, sobretudo, quando nesta relação existia fortes laços emocionais com o familiar que o mesmo perdeu. Deste modo, é de extrema importância um espaço com o qual o adolescente possa relatar o que está sentindo diante da perda e, assim, propiciar a elaboração do luto.

Desta forma, após os estudos efetuados, realizou-se a pesquisa com o objetivo de compreender como o adolescente enfrenta o processo de luto referente a perda de um familiar e quais foram as implicações psicossociais decorrentes deste fato, visando assim, tecer conhecimentos que possam em pesquisas posteriores serem averiguados em amostras maiores, com o intuito de obter generalizações que auxiliem no conhecimento e em trabalhos de intervenção com adolescentes enlutados.

O psicólogo nesse processo de luto pode ajudar o adolescente a lidar com a perda do ente querido de forma apropriada e adequada. Podendo assim, se reconstruir e se restabelecer diante à morte, e encontrar um novo equilíbrio de si mesmo, aprendendo a conviver com a perda (WEISS, 1998 *apud* RAMOS, 2016). Desta forma, o psicólogo poderá prevenir e aconselhar de uma maneira

compreensiva, buscando meios do adolescente se adaptar diante à perda ocorrida, visando assim a reorganização emocional e até mesmo social do adolescente.

Os capítulos foram abordados da seguinte forma: o primeiro capítulo trata sobre o contexto histórico da adolescência, aprofundando os conhecimentos sobre as fases que o adolescente percorre e como é esse momento na vida dos mesmos; no segundo capítulo foram abarcados questões históricas do luto, e o enfrentamento do adolescente diante desse processo; o terceiro capítulo abordou-se a metodologia utilizada na pesquisa; e, no quarto e último capítulo foram expressos os resultados e discussões dos dados coletados a partir das entrevistas realizadas com os participantes da pesquisa, compondo as considerações finais sobre a maneira que os adolescentes enfrentam a perda de um familiar.

1 HISTÓRIA DA ADOLESCÊNCIA

Na antiguidade, bem como na Idade Média, não existia o conceito que hoje chamamos de adolescência, pois a mesma era confundida com a infância e vida adulta, não havendo distinção. A troca das roupas de criança para de um adulto eram marcados por rituais de passagem, com o qual variavam de acordo com os costumes e faixa etária, como também, eram visíveis os sinais da entrada do indivíduo na puberdade (LÍRIO, 2012).

Segundo Ariés (1973) o conceito de adolescência foi caracterizado a partir do século XVIII, pois até esse século a adolescência era confundida com a infância. Antes disso, as crianças já trabalhavam e poucas estudavam ou permaneciam na escola. Somente a partir do século XVIII foi sendo criado um espaço na sociedade moderna entre a criança e a idade adulta. A ideia de infância relacionava-se exclusivamente com a noção de dependência (ARIÉS, 1973).

Segundo Lírio (2012), no século XVIII apareceram as primeiras tentativas de definir a adolescência; no entanto apenas no século passado foi modificado a condição do conceito de adolescência.

O século passado foi o século da adolescência, onde o adolescente foi elevado a classe de herói do século XX. Observamos o aparecimento de uma consciência

etária à oposição jovem e não jovem. A tendência e cultura passam a ser faladas e elaboradas para e pelos jovens. Possivelmente, o século XXI tenha começado uma procura pela clareza e entendimento ímpar da imagem do adolescente em confronto com os demais, na qual não significa seu reconhecimento (LÍRIO, 2012).

2 ADOLESCÊNCIA

O período da adolescência é marcado por mudanças físicas, cognitivas e sociais. E constitui uma fase de desenvolvimento humano com o qual encontra-se ligado entre a infância e a idade adulta, marcado por um período de crises, onde os jovens estão construindo a sua subjetividade, todavia não deve ser compreendida somente por uma fase de transição (FROTA, 2007).

A palavra adolescência, etimologicamente, vem do latim (*adolescere*, que quer dizer crescer). Mas, praticamente, desde o nascimento a criança está sempre crescendo e nem sempre ela é chamada de adolescente. É porque há um momento no crescimento da criança em que este chama atenção de todos, devido a intensidade com que se processa, acompanhado de fortes modificações no seu comportamento. Adolescência seria, então, a fase de vida que apresenta crescimento acelerado, intenso, com modificações substanciais no modo de proceder (NÉRICI, 1967, p.21).

A adolescência é constituída por uma fase de crescimento somático e psíquico, como também um desenvolvimento interior e exterior, onde essa fase é acompanhada por um crescimento biológico e modificações de crescimento psicológico e social. Constitui uma fase de crescimento material, social e espiritual (NÉRICI, 1967).

O período da adolescência se caracteriza pelo fortalecimento da identidade física, psíquica, social, vocacional, sexual, sobre sua polaridade. De acordo com Aberastury e Knobel (1984) é um ciclo de lutos, pois ocorre a perda do corpo infantil, o luto pela identidade, do papel infantil e a perda dos pais infantis.

3 FASE DA ADOLESCÊNCIA

De acordo com Nérici (1967) a adolescência é uma importante fase do desenvolvimento humano e é dividida em três fases conforme descrita, nos subitens, abaixo:

3.1 Pré – Adolescência

Esta fase é a mais tranquila e se estende dos oito aos doze anos com poucos conflitos e com estabilidade psicológica e biológica. No entanto, o organismo está armazenando energias para o crescimento que logo virá. Alguns psicólogos consideram esse período como a fase áurea da vida, com o qual o indivíduo deve aproveitar muito.

3.2 Ruptura

Essa fase corresponde a adolescência pubertária, com o qual o indivíduo tem um crescimento acelerado. A mente desenvolve um espírito crítico e surge no adolescente o desassossego, a insatisfação e a irritabilidade. Na menina surge a primeira menstruação e no menino primeira emissões de esperma. A memória e o raciocínio se enfraquecem e o adolescente sente a dificuldade de prestar atenção e se concentrar em seus interesses e necessidades.

3.3 Reequilíbrio

O adolescente nessa fase busca restabelecer o seu equilíbrio perdido e faz as pazes consigo mesmo, tentando conseguir um lugar na sociedade afim de adquirir sua independência para tornar-se um elemento ativo.

As fases não são definidas pela idade, mas sim através dos tipos de comportamento do adolescente. A relação com as diversas crises que balança a adolescência não ocorre sempre nos espaços de tempo indicado.

A intensidade pode variar de adolescente para adolescente, bem como depende do amparo e desamparo que tenha recebido durante esse período evolutivo, quando há uma boa infância a adolescência será menos agitada. É fato que estabelece no espírito do adolescente uma série de conflitos nessa fase, onde nem todos serão solucionados ou superados na fase da adolescência.

4 HISTÓRIA DO LUTO E MORTE

De acordo com Carvalho (1996), ao longo da história o homem foi identificando maneiras de lidar com a morte e o morrer. Houve um tempo em que a morte se passava tanto em campos de batalha como nas casas, sendo presenciadas por todos, inclusive pelas crianças. Existia a oportunidade de contato com a morte, tanto de quem estava morrendo como de espectadores. Os últimos desejos em vida eram possíveis. A morte não se fazia estranha, ela era parte da vida.

A partir do século XX ocorre mudanças inesperadas, com o qual a morte já não é mais familiar e passa a ser um objeto privado. Isto ocorreu em função de um importante local e foi um grande propulsor para ocorrer essas mudanças. Assim, os moribundos não passaram a morrer em suas casas, em seus seios familiares, mas sim em hospitais (CAPUTO, 2008)

Hoje vemos uma conduta diferente do morrer e da morte. As pessoas evitam falar sobre o assunto, evitando também práticas e maneiras de lidar e ajudar uma pessoa nesta situação, mesmo que não tenha mais fundamento. A morte já não é mais vista na casa do sujeito enfermo, mas sim nos hospitais, da maneira mais asséptica do ponto de vista emocional. É a morte que se distancia de amigos e familiares e o corpo do morto torna-se um incômodo, de modo que se evita cada vez mais, de vê-lo, pois este pode ocasionar a consciência do nosso próprio fim.

5 CONCEITO DE LUTO

Freud (1915) aponta que o luto consiste em uma resposta a perda, não necessariamente de um ente querido, mas de tudo aquilo no qual se tem investimento amoroso. Deste modo, o luto é acontecimento mental natural e frequente durante a

evolução humana e consiste em um seguimento natural inserido para elaboração da perda, que é capaz de ser superado depois de algum período de tempo.

De acordo com Peres (2003) o luto é um processo inevitável, onde alguns indivíduos sentem um vazio e dificuldade em seguir em frente, sendo que, muitas vezes, pode acontecer a perda não elaborada e a pessoa precisar da ajuda de um profissional para passar pelo processo de luto.

5.1 fases do luto

Essas fases descritas são baseadas no livro “Sobre a morte e o Morrer” de KUBLER- ROSS (1998), com o qual a autora descreve as fases enfrentadas no luto vivenciado por pacientes terminais, as quais encontram-se descritas abaixo.

a) Negação e Isolamento: a negação é uma defesa psíquica na qual o indivíduo tenta negar o problema, onde procura encontrar um jeito de não ter contato com a realidade da morte de um ente querido, onde a pessoa não quer falar sobre o assunto. O ato de negar a realidade de que alguém já se foi por conta da morte permite absorver o impacto e adiar a dor que a notícia traz.

A negação pode ser nítida ou não, apesar de nos pronunciar-se verbalmente aceitando a notícia que a pessoa querida morreu. Agimos como se fosse uma ficção transitória, onde buscamos compreender sem acreditar no todo, onde em alguns casos ocorrem a negação nítida e a pessoa nega de modo direto a eventualidade de que a morte ocorreu.

b) Raiva: durante esta fase o indivíduo se sente revoltado com o mundo, não se conforma de estar passando por tudo isso. A raiva e o ressentimento que surge nesse período é o resultado da decepção que surge quando damos conta que a morte aconteceu e que não é possível fazer nada para reparar ou reverter o acontecido.

O luto gera uma tristeza intensa onde não pode ser aliviada, pois a morte não é reversível. No entanto, a morte é vista como decorrência de uma decisão, onde é procurado os culpados. Nessa fase de crise existe dois choques de pensamento, com o qual a vida é desejável e a morte é inevitável, onde tem uma intensa carga emocional, ocorrendo explosões de raiva, manifestando atitudes agressivas e revolta, onde há questionamentos do porquê está acontecendo este evento com a pessoa que

perdeu um ente querido. Normalmente a raiva é destinada a pessoas que não tem culpa, ocorrendo até mesmo contra animais e objetos.

c) Barganha: a barganha ocorre antes ou depois da morte, nessa fase a pessoa acha que terá possibilidades de impedir a morte, onde ocorre fantasias de retornar o processo, buscando um plano para tornar isso possível. Em grande parte, as barganhas são feitas com Deus, entidades divinas ou Sobrenaturais para que a morte não aconteça fazendo promessas que poderão estar ligadas a culpa.

d) Depressão: a depressão surge quando a pessoa toma consciência de sua fraqueza física, onde não consegue negar sua condição, quando a morte é nitidamente sentida. É o sofrimento e a dor psíquica da pessoa quando percebe a existência nua e crua, como ela realmente é, com consciência plena.

Nessa fase aparece uma forte tristeza com o qual não pode ser amenizada por meio de desculpas nem de imaginação, onde leva a uma crise real, podendo considerar a probabilidade da morte e a falta de motivação para seguir vivendo em uma vida na qual a pessoa querida não estará mais.

Implica aprender a aceitar que a outra pessoa se foi começando a viver nesta vida que será marcada pela ausência da pessoa falecida.

e) Aceitação: nesse momento o indivíduo aceita a morte do ente querido, com o qual aprende a seguir no mundo que ele não está mais, aceitando que o sentimento de superação faz bem. Essa fase se dá porque a dor emocional do luto se extinguirá com o tempo, é necessária essa fase para refazer os próprios princípios e confortar a estrutura mental.

6 PSICOLOGIA E LUTO

O trabalho do psicólogo é necessário, visto que o intuito é aliviar o sofrimento emocional de todos os incluídos no processo, bem como auxilia o paciente em prol da qualidade de vida e maior aceitação da morte. A família do paciente experiência ao lado dele todo esse processo, e ao ver o ente querido frente à morte sente-se fraco para ajudá-lo, podendo ter pensamentos que após o óbito, o envolvido que continuará viva. O psicólogo atua para aperfeiçoar a comunicação e para que o indivíduo e sua família solucionem seus conflitos, e a partir disso, estejam mais confortados, além de

colaborar para construção a respeito dos assuntos relacionados ao luto (REZENDE, 2014).

7 METODOLOGIA DA PESQUISA

O participante desta pesquisa foi um adolescente com quatorze anos de idade, que reside na cidade de Lins, interior de São Paulo. O participante perdeu um familiar há um ano com o qual possuía laços fortes. O recrutamento do participante da pesquisa foi realizado com base nos prontuários da Clínica Escola do Centro Católico Salesiano *Auxilium*, no qual havia o termo de consentimento autorizando a presente pesquisa. Os prontuários selecionados foram aqueles que atendiam as características visadas para o público-alvo desta pesquisa e que foram acima descritos.

Para obtenção dos prontuários, foi entregue um requerimento para coordenadora do curso de Psicologia do Unisalesiano solicitando as pesquisas nos prontuários. Sendo concedida a pesquisa pela mesma, bem como realizada tal seleção, foi feito contato telefônico com o possível participante. O primeiro encontro foi realizado para obter o contato inicial e criação de vínculo com o paciente, com o qual possibilitou compreender o acontecimento referente a perda do mesmo. Assim, realizou-se uma sessão livre para que o paciente pudesse relatar suas vivências, e assim já foi possível adquirir algumas informações para melhor entender como estava sendo o processo de luto do participante. O segundo encontro foi realizado uma sessão livre, permitindo o participante trazer mais informações a respeito do processo que estava vivenciando. No terceiro encontro realizou-se uma entrevista, coletando as informações concernentes ao relato do paciente, como também detalhes que ele trouxe na sessão. No quarto e último encontro aprofundou-se algumas questões que ficaram vagas na entrevista anteriormente realizada.

Realizou-se uma pesquisa bibliográfica que correspondesse ao processo de luto vivido pelo participante. Sendo assim, os principais assuntos que nortearam este estudo, bem como foram pesquisados: morte, luto e adolescência. Portanto, esta revisão bibliográfica foi de extrema importância, pois enriqueceu este estudo, como também possibilitou a aquisição do conhecimento e compreensão acerca do presente

tema. Sendo assim, foi possível sanar as dúvidas relacionadas ao trabalho e desenvolver uma pesquisa com referencial teórico e prático.

7.1 ENTREVISTA

De acordo com a entrevista realizada, optou-se por desenvolver uma entrevista semiestruturada, pois segundo Vianna (2001) é elaborada a partir de um roteiro flexível que possibilitam à ampliação e enriquecimento da fala, deixando assim, o entrevistado a vontade para discorrer sobre suas vivências.

7.2 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados dos encontros com o adolescente foram registrados para serem analisados através do método de análise de conteúdo de Bardin (2011) que indica a utilização da análise de conteúdo e lança mão de três fases: pré-análise, exploração do material e tratamentos dos resultados.

Após finalizar o tratamento dos dados, deu-se início na análise dos dados a luz da psicanálise. Esta possibilita auxiliar o indivíduo no reconhecimento da sua situação patológica ou do luto mal elaborado, fazendo uso da atenção flutuante e empírica, com o qual propicia ao paciente uma forma de expressar seu sentimento, disponibilizando suporte necessário para que o indivíduo possa elaborar a perda, e que permita o mesmo a dar continuidade em sua rotina (EIZIRIK, 1987).

A psicanálise é uma aliada indispensável na ajuda da elaboração desse processo, pois dá prioridade no ouvir do paciente e no expressar de suas emoções, permitindo aprofundar o que é relatado na queixa inicial, onde, em alguns casos, é trazido apenas um sinal do que está acontecendo. Com isso, a psicanálise permite buscar e aprofundar não apenas o acontecimento no presente, como também casos mal compreendidos no passado e os acontecimentos do futuro (SOARES; CASTRO, 2017).

7.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A pesquisa realizada nos possibilitou compreender como o adolescente, em estudo, tem vivenciado o processo de elaboração do luto após a perda de um familiar. Para isso, foi feito um estudo de caso com um adolescente, onde, conforme descrito acima, foi realizado quatro encontros, onde os primeiros encontros visaram a formação do vínculo, para que o adolescente sentisse mais confortável em relatar suas vivências relativas ao luto. E, somente nos dois últimos encontros foi realizado a entrevista e tratada acerca da mesma. Após a entrevista foram realizadas as transcrições e a leitura para a análise.

Os dados coletados das entrevistas e dos encontros realizados propiciou a seleção das seguintes categorias: o silenciar da família diante da morte; dificuldade em falar sobre a perda; rompimento do laço afetivo perante a morte e apoio familiar no enfrentamento do luto. Sendo assim, foi permitido compreender o modo com o qual o adolescente enfrentou o luto, de como o mesmo passou por mudanças no ciclo familiar, e a maneira como este evento afetou o seu desenvolvimento. Observou-se também a influência da família neste momento do luto do adolescente; bem como o quanto o silêncio a respeito da perda do ente querido afetou toda a família, principalmente, o adolescente.

Pôde-se por meio desta pesquisa, compreender que há no adolescente o desejo em falar sobre a sua dor, resultante da perda que o mesmo sofreu. Todavia, a família não consegue tratar sobre o assunto, mostrando dificuldade em lidar com a perda de um ente querido e de propiciar suporte ao participante entrevistado.

CONCLUSÃO

O adolescente em processo de desenvolvimento passa por várias mudanças, onde o mesmo busca ajuda por meio de um integrante dentro do ciclo familiar, com o qual pode compreender toda essa mudança obtendo apoio dos mais próximo.

Desta maneira, percebe-se que no decorrer do desenvolvimento do adolescente uma perda pode gerar complicações no ciclo familiar afetando assim seu desenvolvimento.

Foi possível observar através do presente tema, que há uma necessidade de ser discutido, pois foram encontrados poucos trabalhos referentes a este estudo.

A família do adolescente tem um papel muito importante na elaboração do luto, e quando a mesma se cala diante deste assunto, a possibilidade de seguir em frente fica mais dificultosa, pois os envolvidos se distanciam da elaboração deste processo.

De acordo com o presente trabalho, as leituras, pesquisas e entrevista permitem concluir que os temas morte, perda e o luto geram muito desconforto na sociedade. Diante desse fato, é preciso que o enlutado tenha um ambiente acolhedor onde se sinta à vontade para falar sobre seu sofrimento. Assim a família ou o envolvido que passa pelo processo de luto pode atingir a possibilidade de atravessar as dificuldades do início da adaptação diante da perda, construindo um novo convívio no ciclo familiar através do diálogo, podendo assim, auxiliar no alívio das inquietações que ele traz a respeito do falecido.

Portando, o assunto abordado propicia o conhecimento e uma visão de como o adolescente enfrenta seu luto, e como a família se comporta diante da perda do ente querido. Bem como denota a importância do diálogo dentro do contexto familiar, propiciando um espaço para que o adolescente relate seus sentimentos diante da perda ocorrida, obtendo apoio necessário nesse processo de luto. Com isso, abre precedente para ser repensado sobre as posturas das pessoas no que concerne à morte e de como é imprescindível colocar-se no lugar do outro, ouvir e sentir, pois isso possibilita que os envolvidos estejam em contato com sua humanidade e com tudo que os cerca. Respeitar e acolher é algo que proporciona aprendizagem e reconhecimento, tornando os indivíduos mais humanos independente do evento que este presencia.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artmed, 1984.
- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1973.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CAPUTO, Rodrigo Feliciano. O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. Saber Acadêmico. **Revista Multidisciplinar da Uniesp** – nº06 – Dez. 2008.

CARVALHO, Vicente Augusto. **A vida que há na morte**. In BROMBERG, Maria Helena Pereira Franco et al. Vida e Morte: laços de existência. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996, p. 35-75

Eizirik C. L. (1987) Abordagem Psicoterápica do luto. **Revista de Psiquiatria**, 9(3), 185-193.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia** (1917 [1915]). In:_____. A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 245-263.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, jun. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812007000100013&lng=pt&nrm=iso GOMES, L. B., & Gonçalves, J. R. (2015). Processo de luto: a importância do diagnóstico diferencial na prática clínica. *Revista de Ciências Humanas*, 49(2), 118139.

KÜBLER- ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes Ltda. 8 ed. 1998.

LÍRIO, Luciano de Carvalho. A construção histórica da adolescência. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**, São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.1675-1688. Disponível em: [file:///C:/Users/jenif/AppData/Local/Packages/microsoft.windowscommunicationsapps_8wekyb3d8bbwe/LocalState/Files/S0/1982/Attachments/Construção%20Histórica%20adolescência\[3561\].pdf](file:///C:/Users/jenif/AppData/Local/Packages/microsoft.windowscommunicationsapps_8wekyb3d8bbwe/LocalState/Files/S0/1982/Attachments/Construção%20Histórica%20adolescência[3561].pdf).

NÉRICI, Imíedo Giuseppe. **Adolescência: o drama de uma idade**. Lisboa: Editora fundo de cultura S.A, 1967.

PERES, U. T. (2003). **Depressão e melancolia**. Zahar.

RAMOS, Vera Alexandra Barbosa. **O processo de luto**. O portal dos psicólogos. Setembro, 2016. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf> Acesso em: 8 de maio de 2019.

REZENDE, Laura Cristina Silva; GOMES, Cristina Sansoni; MACHADO, Maria Eugênia da Costa. A finitude da vida e o papel do psicólogo: perspectiva em cuidados paliativos. **Revista Psicologia e Saúde**, v.6, n.1, jan/jun. 2014; p.28 – 36.

SOARES, Leticia Gomes de Azevedo; CASTRO, Marcelo Matta. LUTO: colaboração da psicanálise na elaboração da perda. **Ver. Psicol Saúde e Debate**. Dez, 2017:3(2): 103-114. Disponível em: <file:///C:/Users/jenif/Downloads/167Manuscrito%20do%20artigo-548-1-10-20171118.pdf>. Acesso em: 29 de março de 2019.

VIANNA, I. O. A. **Metodologia do trabalho científico**: um enfoque didático da produção científica. São Paulo: E.P.U., 2001.